

A poética do colecionador - um caso de estudo

Teresa Pinhal⁴³

Resumo – Abstract

Este artigo discute, através de um caso de estudo, alguns dos temas relacionados com a prática do colecionismo e como ele interage com e reflete o mundo interior do colecionador. Os colecionadores são amantes do visível que está nas suas mãos e do invisível nos seus corações. José Régio foi um deles, assumindo-se como um colecionador apaixonado. A sua paixão tornou-se uma obsessão e o seu resultado foi uma coleção. Os seus objetos preencheram várias divisões das suas duas casas. A sua prática de colecionar transformou-se num processo poético contínuo, metódico, fetichista e atormentado, de alguém que teimava em conjugar o verbo “coleccionar” no modo imaginário do incondicional do infinito. E no fim do percurso, o seu mundo interior narra-se, curiosamente, através das suas silenciosas peças.

This article discusses some of the questions related to the practice of collecting and how it interacts with and reflects in the inner world of the collector, using a case study. The collectors are lovers of the visible in their hands and of the invisible in their hearts. José Régio was one of them, assuming himself as a passionate collector. This passion became an obsession and the result of this was a large collection. His objects have filled several rooms of his two houses. The practice of collecting was a continuous poetic, methodical, fetishistic and tormented process, for someone who insisted on conjugating the verb “to collect” in the unreal unconditional infinitive mode. And at the end of the journey, his inner world is narrated, curiously, by his silent pieces.

⁴³ Licenciada em História – Ramo Educacional, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Terminou a sua pós-graduação em Museologia, em 2006, tendo realizado o estágio na Casa de José Régio. Museóloga estagiária no Museu de Arte Contemporânea de Elvas (abril, 2007 – março, 2008). Em 2011 concluiu o Mestrado em Museologia na faculdade acima mencionada.

Degree in History – Educational Training, Faculty of Arts, in Oporto University. She completed her postgraduate studies in Museology in 2006, with an internship at José Régio’s House. Curator trainee in Contemporary Art Museum of Elvas (March, 2007 – April, 2008). In 2011, she concluded the masters in Museology at the faculty mentioned before.

teresapinhal@gmail.com

PINHAL, Teresa – A poética do colecionador – um caso de estudo. *Ensaio e Práticas em Museologia*. Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP, 2012, vol. 2, pp. 268-286.

Palavras-chave - Keywords

Paixão, obsessão, o Eu.

Passion, obsession, the Self.

*A poética do colecionador - um caso de estudo*⁴⁴

Teresa Pinhal

Introdução

O colecionismo é um tema que, no âmbito dos estudos museológicos, se torna fascinante, particularmente, pela vertente psicológica e pela construção de representações que ela implica no universo construído da cultura material. A relação da sociedade com esta última é intrínseca, absorvente e reveladora das necessidades, desejos, sonhos e limitações humanas. Foi partindo deste pressuposto, que se estudou o caso específico de José Régio.

No panorama português verifica-se um tratamento ainda predominante dado ao objeto colecionado, em si, aquilo que se aproxima da epistemologia baseada no objeto, presente nos museus até inícios do século XX (Conn 1998), enquanto a atenção dada ao colecionador e à sua relação com o objeto colecionado fica para segundo plano. O peso da tradição historiográfica para a alta cultura, afasta a análise desta relação colecionador-coleção, que precisa ser realçada e analisada, pois dela derivam as características específicas das coleções, nas quais se encontram significados escondidos. Por consequência direta, torna-se relevante estudar, os processos de colecionar, o “porquê” em vez do “o quê”.

Com a conhecida definição de Belk (*in* Pearce 1995, 21) sobre o que é uma coleção chegou-se à valorização da vertente emocional, de memória e de ideias ligadas aos objetos. A coleção passou a ser vista como mais do que a simples soma de todas as partes, com uma vertente emocional importante. Susan Pearce trouxe uma possível

⁴⁴ Artigo baseado na dissertação de Mestrado em Museologia, orientada por Alice Semedo, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Pinhal, Teresa, O Colecionismo em José Régio. Dissertação de Mestrado do Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Museologia Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011.

Article based on the research project entitled “O Colecionismo em José Régio”, developed in the context of the Museology Master degree course at Oporto University Humanities Faculty, under the supervision of Professor Alice Lucas Semedo.

Disponibilizado em/Available at URL:

http://aleph20.letras.up.pt/exlibris/aleph/a20_1/apache_media/67JY8N7VDFLVVQIMG5N2B1MM54VQSL.pdf.

chave para ajudar a perceber e a definir o colecionismo e o colecionador, colocando a tónica no subjetivismo. Se alguém se considera colecionador, então é-o (Bodmer 2007, 7). Colecionar implica, em boa parte, selecionar emocionalmente objetos pelo valor subjetivo que atribuímos. Neste contexto, insere-se o próprio colecionismo atual, popular, democratizado e impulsionado por uma produção fabril de objetos a preços competitivos, e que se afirma como algo mais eclético e pessoal. O colecionismo passou a ser encarado como prática social ativa no sentido de fazedor de significados e parte integrante do tempo longo de Braudel (1982). A semiótica e o estruturalismo trouxeram a possibilidade de encarar as peças colecionadas como transmissores de mensagens que podem e devem ser decodificadas.

A análise das coleções e dos colecionadores abre-se à consciência de que, aliada a uma natureza museológica tem que se considerar uma natureza psicológica, evidenciada nos diferentes modos de colecionar e nas suas motivações (até patológicas). Os estudos de investigadores, como Bourdieu (2010) e Baudrillard (1994), no desenvolvimento da investigação na área da psicanálise sobre a expressão do eu nas coleções, marcam o início de um percurso novo de entendimento do sujeito que coleciona. Será bom recordar que Susan Pearce divide mesmo os colecionadores em três tipologias: os de souvenir/reliquia, os sistemáticos e os fetichistas, (1992, 68-69), sendo estes últimos dos mais intrigantes a nível psicológico e onde está integrado o colecionador aqui tratado.

José Régio foi poeta, romancista, ensaísta, dramaturgo, artista do desenho e da pintura, marcando o modernismo português nas artes e nas letras. A par da criação artística, convivia nele um gosto de colecionar arte, em especial, arte popular, herança que ganhou de seu avô, e na senda de uma prática burguesa e republicana, bem presente no seu tempo (Borges 2010, s.p.).

Ao longo dos seus escritos confessos, ele desvelou de si o que queria revelar, contando as deambulações psicológicas em que se enredou, como forma de se compreender e posicionar-se no mundo. Este poeta-psicólogo (Sant'Anna Dionísio 1970, 497), com crises nervosas desde a juventude, neurasténico e tímido, encontrou no autoquestionamento a âncora para ganhar folga interna e fortalecer o seu individualismo. Floresciam nele, e/ou pintaria ele nos contornos dos seus desenhos e

textos, desabafos poéticos e trágicos, pensamentos pessimistas e maniqueístas, caindo em afirmações autodestrutivas, de desânimo e lamento. Mesmo não esquecendo que um poeta é um fingidor, atente-se à sua autocaracterização numa carta a Alberto Serpa: “Sou um artista doente, muitas vezes, cujo equilíbrio não tem sido conquistado senão à custa de muitas lutas e amarguras. Só eu as conheço. Muitas vezes tenho inibições, cansaços, impossibilidades, esquisitices, que porventura terão difícil explicação racional, mas nem por isso deixam de ser reais” (Régio 2000a, 150).

A poética de um eu apaixonado

O termo poética é aqui empregue com o mesmo significado que Susan Pearce (1995, 31) atribuiu a este termo no seu livro “On Collecting”, entendendo-a como a forma como o colecionador experiencia o processo de colecionar, como se posiciona nele, que representações assume, o que afeta a sua vida e como se conjugam os processos de colecionar com a praxis da vida. À luz desta poética, o eu apaixonado de Régio revela-se e lê-se nas suas coleções sagradas e profanas, alimenta-se e retroalimenta-se num ciclo labiríntico de desejos, necessidades, ambições e fragilidades.

O labirinto da paixão

“Muito mais que um gosto! Um amor, uma paixão, uma mania, um vício, e que sempre se vai inflamando mais” (Régio 1965, s.p.).

Como afirmou Pearce (1998, 162), os colecionadores expressam-se como apaixonados pelas suas coleções e usam uma linguagem impressionante para expressar os seus sentimentos, tal como se pode verificar pela frase de introdução a este subcapítulo. Este amor é um amor-posse ou, melhor dizendo, uma possessividade mascarada de amor, onde o centro da questão será o controlo. Régio estava preso no labirinto da paixão que construiu para si.

Régio está integrado no tipo de colecionador fetichista, de acordo com a definição de Susan Pearce (1992, 81), sublinhando-se a sua necessidade de colecionar cada vez mais objetos do mesmo género, num processo estratégico de desejo provocado pelo seu eu. Várias são as pistas que mostram este gosto obsessivo, este vício que se

refletia na sua vida pessoal, nas suas atitudes e vivências. Régio assumiu em vários momentos da sua vida, esta mania que o colocava à mercê de uma necessidade insaciável.

Sem dúvida que a arte popular era uma paixão e a arte sacra uma devoção, que ia para além da crença religiosa, pois ele colocava em causa, com frequência, a sua religiosidade cristã.

Este colecionador apaixonado era afinal apaixonado pelo quê em concreto? Ao observar as suas peças, a diversidade das suas coleções é indiscutível contemplando as louças, de que se destacam os pratos ratinhos, a cerâmica, os barros de Estremoz, os móveis dos séculos XVII e XVIII, os bronzes e estanhos, os ferros forjados, os vidros, as pinturas do século XVI, XVII e XX (de artistas como Dominguez Alvarez e Diogo Macedo), as gravuras, as lápides, as rendas, os relicários, os oratórios, os livros do século XVII e XVIII, as valiosas obras históricas e literárias, incluindo as primeiras edições dos mais notáveis escritores portugueses da primeira metade do século XX (com dedicatórias autografadas) e centenas de esculturas de diferentes materiais, versando temáticas religiosas, em que sobressaem os Cristos, as Virgens, os santos, os ex-votos e as caixas de esmolas das alminhas do purgatório.

Esta paixão, com antecedentes familiares e com passos iniciais dados na infância, em forma de brincadeira, teve um impulso inicial ingénuo, vindo de uma simples vontade de mobilar um salão do seu quarto alugado, da casa que viria a ser sua em Portalegre, aquando da sua colocação numa escola de Portalegre para lecionar francês. Aos poucos, passou a ser um desejo constante que encheu as salas, não só da casa de Portalegre, como também da casa de Vila do Conde. Segundo o próprio: “a anexação daquela casa baixa e abobadada foi a fagulha que pegou fogo à carqueja meio escondida e fez crepitar a paixão!” do colecionismo (1965, s.p.).

Ao longo dos anos foi-se privando de uma vida de desafogo, em prol de conseguir aumentar e melhorar, continuamente, a sua coleção. São variadíssimas as referências em cartas aos familiares e amigos sobre os seus gastos, poupanças e esquemas de abatimento de dívidas, em favor da constituição de uma invejável coleção de arte popular. Eram autênticos malabarismos que ia montando, desde empréstimos a adiamentos de pagamentos, passando pelo recurso à revenda na sua loja informal de

antiguidades, onde restaurava as peças, para conseguir bom dinheiro para novas e superiores aquisições. Os seus atos eram estimulados por um desejo insaciável de comprar. Perto dos quarenta anos de idade já tinha a sua Casa de Portalegre repleta de objetos colecionados, que invadiam os seus espaços nas paredes, no chão, nos móveis, nas prateleiras, compradas propositadamente para o efeito, nos compartimentos mais íntimos e mais importantes, como o seu quarto e o seu escritório. Teve, inclusivamente, de alugar um espaço perto da casa alentejana para guardar mais objetos. Nesta casa os objetos-hóspedes, passaram a moradores de direito. Nas suas palavras: “No fim de contas, estoirara com a pensão!” (Régio 1965, s.p.).

Da conquista do espaço por Régio, passou-se à conquista das coleções desse espaço, o que conduziu à própria renomeação ou batismo dos compartimentos, sendo alguns chamados de “Purgatório” e “Inferno”.

Nesta construção da sua coleção, contou com o apoio de uma rede de contactos que se foi fortalecendo e complexificando à medida que o seu negócio, a par da sua paixão, crescia. A ajudá-lo estavam o pai (habitado a lidar com vendas), o seu fiel restaurador e assistente na direção do negócio das antiguidades, Manuel Bilé, os antiquários (que o seduziam com peças e facilitavam os pagamentos), vários colecionadores do Norte (Porto, Póvoa do Varzim e Vila do Conde), Alentejo e Lisboa, os amigos que sabiam do seu interesse e que lhe ofereciam objetos e conselhos, de entre os quais destaca-se o conceituado historiador de arte Flávio Gonçalves.

Este movimento incessante de vontades e impulsos vindos de diversas direções numa rede de contactos complexa, alimentavam a sua paixão e faziam-no ganhar mais consciência dela como algo vibrante e viciante.

O vício, que metamorfoseava espaços, acarretava consigo desassossegos e sofrimentos. Na voz do seu colecionador inventado do seu conto autobiográfico, desabafava “Maldito vício de colecionador! Tudo isto são ninharias, no fim de contas! A minha vida não é esta, não é isto...”. Vãos pensamentos que não podia ir contra a inquietação e a paixão” (Régio 2000b, 349). Régio disse que “Amargamente me arrependia de me ter deixado arrastar em demasia pela minha paixão (2000a, 264). Em carta ao seu irmão Apolinário coloca-se no grupo dos “poetas-antiquários com pouco dinheiro e pouca cabeça” (Piloto 2001, 37).

Como Belk afirmou (1994, 319), por vezes os colecionadores experimentam consequências negativas nas esferas sociais e pessoais como resultado de um colecionismo obsessivo.

Nalgumas situações vendia peças para comprar outras melhores, mas sem um certo grau de amargura associado: “Que remorso, - perder eu essas belas peças! Muito sofre (a ponto de ser obrigado a verdadeiras traições) um colecionador insaciável” (Marques 1989, 98). Noutras, fazia uma ginástica financeira até ao limite para adquirir algo, como aconteceu com uma imagem de madeira renascentista, na qual gastou todo o salário de professor recebido num mês (Marcão 1984, 42). Em determinados momentos, Régio sentia-se mesmo culpado por gastar tanto dinheiro nas peças, quando tinha encargos consideráveis com a sua família (Régio 2000a, 191). Nem sempre conseguia adquirir as peças que desejava, mas este amor-posse era tão forte que chegou a usar o pronome possessivo meu a um Cristo que não conseguiu comprar (Pestana 1984, 128), talvez para de alguma forma obter um pouco do prazer que teria se ele fosse realmente seu.

Ao amor devemos associar a questão do prazer e da caça ao objeto. Partindo da teoria de Freud (*in* Formanek 1994, 328) de que haveria duas motivações instintivas para a ação humana: a agressão e a libido (de que se fará referência mais à frente), Ruth Formanek (1994, 328) chamou a atenção para o facto de que colecionar pode ser visto como uma derivação de comportamento agressivo semelhante à caça. O poeta dizia sobre as suas viagens que “eu lá ia à caça” (Régio 1965, s.p.). Susan Pearce (1995, 184) esclareceu que é normal os colecionadores referirem-se a “caçar material”. A legitimação que traria o resultado da caça levaria a um reforço da autoimagem do colecionador e do seu valor na sociedade. Isto significa que se o troféu caçado fosse, afinal, um embuste a situação mudaria radicalmente, ou seja, o que era prestigiante passaria a ser vergonhoso. Curiosamente, esta situação ocorrera num caso em especial de uma réplica de um vaso etrusco, adquirido como verdadeiro (Neves 1989, 114-115).

Quanto à libido, pode-se apontar algumas direções interessantes, típicas de colecionadores apaixonados pelas suas coleções. Susan Pearce (1995, 247) referiu esta questão, de um certo erotismo, associado ao colecionismo. Outros autores debruçaram-se sobre este assunto, como Danet and Katriel, que apontaram o aspeto sensitivo de

coleccionar (*in* Pearce 1992, 52). Sem dúvida que Régio sentia prazer ao cuidar das peças, como aliás refere o seu amigo João Marques: “Como confessará a íntimos, passava tardes de Domingo a limpar o pó às peças, não só pelo zelo da sua conservação, mas para lhes poder tocar, gozar o prazer de as possuir (...) E, como confidenciava, quantas vezes percorria sozinho essas salas onde amorosamente os tinha exposto.” (2000, 52). Roger Cardinal no seu artigo “The Eloquence of Objects” (2001, 28) relacionava estas atitudes com os colecionadores fetichistas. Alguns investigadores desenvolveram profundamente este tema, como Frederick Baekland (1994, 211), a propósito da confusão inconsciente de encarar os objetos adquiridos como objetos sexuais. Baudrillard (1994, 9), por sua vez, afirmou que o colecionismo até poderia ser entendido como um mecanismo de compensação em alguns períodos de crise no desenvolvimento sexual de uma pessoa, mas não propriamente como uma atividade substituta, nem equivalente. Segundo este autor, seria uma regressão ao estágio de retenção anal, de que falava Sigmund Freud, que resultaria numa satisfação libidinosa diretamente ligada à perceção dos objetos como objetos amorosos.

O caso de Jeanne Walshot, mulher solitária colecionadora de objetos de arte do Congo, levou Boris Wastiau (2001, 231) a analisar esta situação como uma relação demasiado intrincada com os objetos e a pensar no próprio aspeto libidinal, relacionado com o medo da morte. Com Régio pode-se ponderar se também não se passaria o mesmo. O medo da morte é algo humanamente conhecido e reconhecido. Mesmo vendo Régio na morte o atingir da verdade, do absoluto, não quer dizer que estivesse numa plataforma em que o medo da morte não tivesse lugar. Aliás, ele próprio confessou, perto do fim da sua vida, que a morte era uma ideia que “aterrava os meus instintos” (Régio 1983, 239).

José Régio, como qualquer colecionador apaixonado poderia estar nestes contextos, de alguma forma. Porventura pode-se ser tentado a desenvolver estas questões pela forma como o próprio poeta se posiciona, de modo mais ou menos poético-fingido, quanto ao desejo de ser casto, a vontade de viver solteiro para se dedicar à sua obra literária e de vencer as vontades carnisais. Escrevia ele que “Vivo dias e dias numa luta: porque resolvi não me deixar escravo dessa violenta sexualidade” (Régio 2000a, 251).

Um apontamento interessante que coloca os objetos como meio de libertação de tensões é o de que a compra de objetos de arte funcionaria para certos colecionadores como um escape (Baekeland, 1994, 209). Que se lancem, então, sem medos, questões reflexivas. Seriam nos momentos de frustração, ou mesmo nas crises neurasténicas, que o foram atacando ao longo da vida, que Régio ganharia mais vontade em comprar objetos? Funcionaria isto como terapia para atenuar esses momentos difíceis? Terá Régio transferido ou canalizado a sua força sexual, de forma não totalmente consciente, para um prazer que considerasse mais limpo, mais imaculado, mais espiritual, até pelo conteúdo das suas coleções onde predomina o sagrado?

Um interessante paralelismo foi feito por Joaquim Neves (1989, 41-42), a propósito dos desenhos de Régio sobre mulheres. Este autor avançou com a hipótese de haver uma satisfação sexual na sua concretização quando o desenho versava corpos femininos, associando o ato a uma forma de catarse.

Outro aspeto do colecionismo de Régio, que revelou o seu sentimento amoroso é o animismo dos objetos, referido por Pearce (1992, 39). Esta atribuição de qualidades humanas aos objetos está bem representada no episódio curioso que contou João Marques, em que Régio comentou “Às vezes oiço-as conversar umas com as outras e já lhes tenho ouvido dizer: Este Régio muito tempo e muito dinheiro gasta connosco!” (Marques 2000, 40).

Espelho meu, espelho-me eu

“Collections are material autobiography, written as we go alone and left behind us as our monument” (Pearce 1995, 272)

Por detrás das motivações do colecionador estão poesias do seu eu, que se espelha no conjunto das suas coleções. Estas, apreendidas como projeção e a continuação física do colecionador, são um veículo para ele se dar a conhecer e de expressar a sua identidade individual e, mesmo, de se reconciliar consigo, como explicou Susan Pearce (1995, 25). Novas teorias de modelos relacionais acentuam a necessidade de validação e aceitação intrínsecas do ser humano.

Associando estas novas perspetivas ao colecionismo, o reconhecimento seria a

chave para fazer as pazes com o mundo que, lamentava-se ele, não aceitava a sua originalidade. Colecionar seria construir relações consigo e com os outros, de forma clara nas suas redes de contacto, e de forma mais velada, nas visitas à casa, nos estudos de investigadores e no reconhecimento futuro das casas-museu.

Belk (1994, 321-322) defendeu, mesmo, que as coleções poderiam ser encaradas como extensões do eu. Também Pearce (1992, 56) referiu a situação dos objetos poderem ser vistos como confirmadores da nossa identidade. Para Baudrillard (1994, 12), os colecionadores colecionam-se a si próprios. Sartre, mencionado por Pearce (1992, 56), vai mais longe e avança com a ideia de que a única forma de sabermos o que somos é precisamente olhando o que temos, o que nos levaria no limite à máxima popular adaptada de “diz-me o que colecionas, dir-te-ei quem és”. Bourdieu (*in* Semedo 2010, 306) identificava o ato de colecionar como uma forma de expressão da “distinção individual” do colecionador.

A ligação entre o eu e a coleção é tão intrincada que o eu pode sair afetado caso a coleção seja atacada, como aconteceu com o pretenso vaso etrusco já mencionado.

Estaria a solidão de Régio, aquela solidão íntima sentida, projetada na sua coleção? Não obstante ter amigos, nunca deixou de afirmar que tinha alguns problemas no relacionamento com o outro. Não é estranho que, por isso, o colecionismo pudesse ser uma espécie de escape psicológico. Sublinhe-se que colecionar começou por ser uma forma de combater o isolamento, a que se sentia votado no Alentejo.

No entanto, se as coleções podem servir de aproximação, também podem contribuir para esse afastamento, porque pedem tempo e espaço físico e não físico (Pearce 1992, 43). E aqui a questão do dominador e do dominado entra em cena. Afinal, o pretenso domínio totalitário do colecionador é uma ilusão. Este domínio funcionava nos dois sentidos. (Pearce 1998, 162). Em todos os compartimentos de Régio temos os palcos de si próprio e esses palcos são Régio. Ele confere uma identidade aos objetos e eles devolvem-lhe uma identidade. Assim, torna-se muito delicado ver as coleções só como reflexo, mas também devem ser vistas como condicionadores do reflexo.

Pode-se pensar na coleção como forma, também, de recriar o eu, pois há um processo de adaptação entre o que se é e o que os objetos vão dizer sobre nós. Estes não

vão só expressar o que gostaríamos que dissessem, mas o que os outros vão ver que não conseguimos imaginar ou controlar na totalidade. Há um risco de exposição que Régio assumiu, mostrando a sua casa a vários amigos e conhecidos. Sobre esta exposição, alguns psicanalistas apontam um certo exibicionismo narcisista (Baekeland, 1994, 216).

Observe-se, mais de perto, os espelhos de Régio. Em termos práticos, a sua bolsa só conseguiria suportar, no essencial, a compra de objetos de arte mais acessíveis e, no Alentejo, na época onde os colecionou, havia uma certa profusão, a baixo preço, de várias tipologias de arte popular. O próprio colecionismo era, no início, uma forma de vencer a barreira de uma certa solidão inicial, por ter ido para tão longe da sua terra natal e surgiu da necessidade de tornar mais confortável o seu quarto alugado.

Pode-se ainda associar a situação de Régio ter convivido com o colecionismo do seu avô, de ser um homem do seu tempo, dedicado à democratização da cultura e de proteção do património nacional.

Contudo, as circunstâncias só explicam e espelham parte da verdade. Os seus objetos de arte popular representavam um lado genuíno e de sinceridade, que ele apreciava, que gostaria de cultivar nos seus escritos e na sua própria vida. Tê-los perto era ter essas características alimentando a sua alma. A arte popular tinha “a singularidade, a espontaneidade e a significação – a originalidade, em suma – que até em criações modestas e primárias imprime o Espírito que sopra onde quer” (Régio 1964, s.p.).

Ele, também, apreciava e refletia sobre o sentido do estético. A importância dada à beleza e ao conseqüente deleite que advém da sua observação era relevante para ele. E de facto, aspirava a um melhoramento das coleções, à sua perfeição, daí ter um espaço para fazer o seu restauro.

Analisando, em particular, os objetos do sagrado, a viagem é mais profunda. Eram estes que mais ocupavam o seu tempo. Mesmo nos momentos de descrença do seu tortuoso labirinto místico, ele que padecia do estado do “crer não-crendo” (Régio 1983, 238), à semelhança da sua personagem Lélito da obra “A Velha Casa”, continuava a colecionar.

A sua infância, a sua relação fortíssima com a mãe, o sentimento de

incompreensão e a mais profunda inquietação sobre a existência de (um) Deus, são pistas para perceber-se que estes objetos são mais do que matéria perecível e localizável num tempo cronológico. Pertencem ao mundo sem tempo do imaginário de um poeta que anseia tocar o divino, caminhar na ponte para o sagrado, tocar-se no seu mais íntimo estado, através de obras “em que o artista convivia familiarmente com o sobrenatural!” (Régio 2000a, 62).

É bastante evidente que a visão febril de uma religiosidade católica da sua infância marcaram o seu gosto apaixonado pela arte sacra, tal como a um dos seus mais próximos irmãos, Júlio, também colecionador de arte sacra. O facto de ter reunido um conjunto significativo de imagens religiosas também seria um espelho de um primitivismo religioso, que trouxe da sua família, o culto das imagens, que o fez acreditar no carácter mágico que as imagens possuíam. Régio escreveu “elas não são senão imagens, retratos, evocações dos verdadeiros Seres vivos e transcendentales que “estão no céu”. Digamos que servem de intermediários entre os pobres de nós e Esses” (1983, 57). Acreditaria ele, possivelmente, numa ponte mística entre os objetos e o sagrado, ponte essa que sonharia alcançar.

Entre essas imagens, existem santos e santas, que nos recordam do seu desejo secreto de ser santo (Régio 1983, 116). Ele admirava neles a graça de se depurarem pelo sofrimento, ultrapassando-o com fé, tal como acontecia com o seu interesse pelas personagens-provação das suas narrativas (D’Ascensão 2007). Não conseguia ser santo, nem mesmo monge, como chegou a sonhar. Porém, talvez pudesse de alguma forma absorver destes santos o dom que reconhecia não ter. Em última análise, as suas casas poderiam até funcionar como templos da eternidade, ou a própria eternidade materializada.

Dentro das figuras do cristianismo, a sua obsessão pela Virgem e pela figura de Jesus crucificado justificam boa parte da sua coleção, com uma feição mariana e cristológica vincada. Não só a sua mãe era grande devota da Virgem, como ele via nela a tal situação de nobreza de alma pela dor e um lado maternal, carinhoso, tocando as recordações ternurentas da sua infância. No poema *Colegial* (Régio 2001a, 200) há mesmo uma aproximação da mãe à figura da Virgem e dele próprio à de Jesus. Esta identificação entre a mãe divina e a terrena, e o filho divino e ele próprio está presente

nas suas coleções, de Cristos, crucifixos e Piètas. Régio identificava-se com os sofrimentos de Jesus, a solidão de que padecera e a incompreensão que lhe votaram muitos. É uma figura que norteia grande parte dos seus escritos, poemas e romances e desenhos. Segundo Joaquim Neves, Régio ao desenhar os seus Cristos “entrava num terreno místico cheio de doçuras e de transportes que o desapegavam do mundo e o elevavam a umas alturas inimagináveis” (1989, 43). Algo semelhante aconteceria, também, pode-se pensar, quando observava e cuidava dos seus Cristos, que o fascinavam. Para o poeta, o momento da ressurreição significava o encontro com o divino e da chegada à vida plena, através do sofrimento. Daí representar Jesus nos seus desenhos, apenas, no momento da crucificação e colecionar crucifixos.

Outro aspeto importante será pensar em como a presença materializada do sagrado em suas casas, conferiam-lhe um sentimento de segurança e de conquista da eternidade (física e mental/espiritual). A segurança material das peças davam-lhe o chão onde podia assentar raízes consigo mesmo, com a arte, com o sagrado e com “o outro”.

Peckman (*in* Peace 1992, 55) apontou a necessidade humana de um mundo ordenado. Quem sabe se Régio, organizado e metódico como era, e que dizia que sem Deus o mundo seria “um absurdo, um conjunto caótico, uma série de problemas e contradições inexplicáveis” (Azevedo 1985, 39), não teria encontrado uma forma de habitar com esse Deus, ordenador universal, colocando o sagrado e o profano em prateleiras. Para Régio, a procura do equilíbrio era essencial para viver e ele está espelhado na disposição por tamanhos, ou mesmo, a alternância estética e sequencial entre os objetos, colocando-os em pares. Esta situação, integrada no que vinha a ser feito em museus de arte, traduz a necessidade de um equilíbrio visual estético. Porventura Régio procurava absorver e apoiar-se nesse equilíbrio, nos seus momentos mais sombrios. O próprio domínio físico das peças (ele restaura, limpa, coloca, vende, compra) seria uma forma de conseguir alcançar o equilíbrio.

Como já foi referido, o colecionismo pode ser encarado de uma forma terapêutica. Baudrillard (1994, 11) afirmou que poderia neutralizar algumas neuroses e tensões. Serão as suas coleções o espólio da luta que travava entre o seu eu insatisfeito, atormentado, que se via imperfeito tantas vezes e procurava a beleza, que se via mascarado e procurava a sinceridade da arte, que se via perdido num labirinto religioso

e procurava ter o sagrado perto, tendo como mensageiros as figuras que mais sente perto de si, Jesus (o seu irmão perfeito) e a Virgem Maria (a sua mãe divina, que lhe parecia tão próxima da sua terrena)? Serão elas o reflexo e o bálsamo para a sua insatisfação interior?

Colocar na mesa a hipótese de que Régio libertava as suas emoções, cobrindo-as com a *patine* de colecionador amante de arte sacra pode ser um bom ponto de partida para uma nova abordagem psicológica do colecionismo.

Os objetos moldam a identidade e o propósito de vida do eu de quem os coleciona (Pearce 1995, 18) que, por sua vez, lhes devolve uma identidade, carregada de misteriosas emoções, que os enriquece e transforma. Além disto, os objetos convidam a agir em relação a eles de determinadas formas, que possibilitam ao colecionador receber o que mais deseja deles (Pearce 1995, 166). O que afinal Régio gostaria ou precisaria de receber deles? Não seriam estes objetos a prova de uma estratégia inconsciente, ou consciente, até certo nível, do tal “mundo de ternura não compensada que até ao fim quis compor”, que referiu Matilde Rosa Araújo (1970, 16)? Alguns objetos levaram-no mesmo a escrever poemas, o que mostra como eles o tocavam na sua sensibilidade e como serviam de combustível para a sua explosão literária.

Considerações finais

Régio tinha um amor obsessivo e labiríntico, que lhe trazia sofrimento, arrependimento e culpa, mas também prazeres. Ele era um colecionador fetichista, obstinado pela compra de peças, mesmo implicando sacrifícios pessoais. Preocupado com este vício, sentia um prazer especial no controle que exercia sobre as peças. Talvez a própria renúncia ao prazer carnal, pudesse encontrar um escape no domínio que conseguia exercer sobre os objetos, tal como nos desenhos que elaborava.

Régio, na sua vertigem vivida à volta do seu labirinto religioso, conseguiu nas suas casas ter um mundo organizado à sua maneira e gosto. As suas escolhas são as do seu eu para o seu eu, por causa do seu eu, que aspira à comunhão da perfeição, do genuíno e do sagrado da arte popular.

A arte sacra, parte fulcral do seu colecionismo, ilustrava o seu misticismo, a sua

vocação sacerdotal nunca realizada. Régio encontrava-se, diariamente, com os seus vultos e sombras entre as paredes das suas casas, fossem cristos, santos, virgens, relicários, ex-votos ou oratórios. Preso ao imaginário cristão da infância, bebia nessa arte sacra a fina paixão por Deus, a fé dos Homens no milagre, na salvação, a santidade, o doce sabor da eternidade

Pode-se pensar mesmo num processo de transporte passivo das características que o colecionador atribui às peças colecionadas para si próprio. As peças sacras e profanas, representando o eterno, o puro, o genuíno, o belo, a esperança, que passariam a fazer parte dele, completando-o e enriquecendo-o.

As suas peças eram os seus filhos de madeira, pedra, metal, pelos quais se dedicava e que representavam o passaporte para os seus sonhos e desejos. As mais belas peças seriam escolhidas e permaneceriam junto de si, partilhando, depois, com o mundo, nas suas casas-museu.

A necessidade de exposição que Régio tinha nos seus escritos relaciona-se bem com a expansão das suas coleções. Nelas está a ampliação do seu eu e a sua transformação, também. Ele lia-se a si mesmo nos seus poemas e via-se nas suas peças. As coleções participavam na sua ginástica mental filosófica. Elas ofereciam o estabelecimento de novas relações consigo e com os outros, a ordenação do mundo caótico, que o seu pessimismo observava e o aprofundamento dos seus sentimentos.

O colecionismo é um fenómeno transversal a épocas, regiões ou sexos. Trata-se de uma atividade que envolve misteriosas emoções e psicologismos obscuros do nosso mundo interior, revelando a dependência que existe entre o ser humano e o material, entre o ser e o ter.

É premente pensar nos objetos como almas exteriores e em colecionar como a exteriorização do eu, ou seja, colecionar como ato de autoexposição, nem sempre consciente, e motivado por variáveis como a necessidade de bem-estar, de conforto e de apaziguamento de temores profundos.

Referências bibliográficas

Araújo, Matilde Rosa. 1970. *Alguns Testemunhos de quem o conheceu*. Comércio do Porto, Suplemento Cultura e Arte – José Régio. 22 de Dezembro, p.16.

Azevedo, Maria; Pinto, António. 1985. *O aspeto religioso em José Régio*. Porto: Edição de autor.

Baekeland, Frederick. 1994. Psychological aspects of art collecting. *In: Interpreting Objects and Collections*, Susan Pearce, pp. 205-219. Leicester Readers in Museum Studies. London: Routledge.

Baudrillard, Jean. 1994. The System of Collecting. *In: The Cultures of Collecting*. John Elsner e Roger Cardinal, pp. 7-24. London: Reaktion Books.

Belk, Russel W. 1994. Collectors and Collecting. *In: Interpreting Objects and Collections*, Susan Pearce, pp. 317-326. Leicester Readers in Museum Studies. London: Routledge.

Bodmer, Michèle. 2007. *Why we are compelled to collect*. The Credit Suisse Magazine. Bulletin Special Value. Disponibilizado em URL: www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CE0QFjAA&url=http%3A%2F%2Femagazine.creditsuisse.com%2Fapp%2F_customtags%2Fdownload_tracker.cfm%3Flogged%3Dtrue%26dom%3Demagazine.creditsuisse.com%26doc%3D%2Fdata%2F_product_documents%2F_shop%2F177407%2Fe_CS_Bulletin_Wert_e_verl_new.pdf&ei=yZTLT5XYLsSa0QX20cnfAQ&usg=AFQjCNHXpMHD9amh7xFPIKVMZS-dJ3oakA e acedido a 15 de Dezembro de 2011.

Borges, Augusto Moutinho. 2010. *Educar pela Arte: as Casas-Museu e o colecionismo ao serviço da República. I República e Republicanismo*. Congresso Histórico Internacional. Centenário da República. Disponibilizado em URL: www.centenariorepublica.parlamento.pt/CongressoCvsPapers/AugustoMoutinhoBorges_Paper.pdf e acedido a 28 de Janeiro de 2011.

Bourdieu, Pierre. 2010. *A distinção: uma crítica social da faculdade do juízo*. Lisboa: Edições 70.

Braudel, Fernand. 1982. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.

Cardinal, Roger. 2001. The Eloquence of Objects. *In: Collectors: Expressions of Self and Other*, Anthony Shelton, pp. 23-31. London: The Horniman Museum and Garden.

Conn, Steven. 1998. *Museums and the American Intellectual Life, 1876-1926*. The Chicago: The University of Chicago Press.

D'Ascensão, Maria José Marcelino Madeira. 2007. *A personagem feminina em Histórias de Mulheres*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Dionísio, Sant'Anna. 1970. Como vi Régio desde sempre. *In: Memoriam de José Régio*, pp. 495-510. Porto: Brasília Editora.

Formanek, Ruth. 1994. Why they collect: collectors reveal their motivations. *In: Interpreting Objects and Collections*, Susan Pearce, pp. 227-335. Leicester Readers in Museum Studies. London: Routledge.

Marcão, António Luís. 1984. Santa Clara de Alexandria. *In: A Cidade. Presença de José Régio em Portalegre*, pp. 41-43. Portalegre: Edições Colibri.

Marques, João Francisco. 1989. *José Régio e Flávio Gonçalves – Os Caminhos de uma Amizade*. Póvoa do Varzim: s.e

Marques, João Francisco. 2000. *José Régio e a Paixão das Antiguidades – a sensibilidade de um artista e de um místico*. Boletim do Centro de Estudos Regionais. Nº 6 e 7: pp. 40-56.

Neves, Joaquim Pacheco. 1989. *Os desenhos de Régio*. Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde.

Pearce, Susan, 1992. *Museums, Objects and Collections: a Cultural Study*. Leicester: University Press.

Pearce, Susan. 1995. *On Collecting: an Investigation into Collecting in the European Tradition*. London: Routledge.

Pearce, Susan. 1998. *Collecting in Contemporary Practice*. London: Sage.

Pestana, Manuel Inácio. 1984. José Régio, Wenceslau Lobo e os Cristos - Um reencontro urgente. *In: A Cidade. Presença de José Régio em Portalegre*. Portalegre:

Edições Colibri, pp. 127-128.

Piloto, Adelina, Santos, A. Monteiro dos. 2001. *José Régio. Correspondência Familiar: Cartas a seu irmão Apolinário*. Vila do Conde: Edição de autores.

Régio, José, 1983. *Confissão dum Homem Religioso: páginas íntimas*. 2.^a ed. Porto: Brasília Editora.

Régio, José. 1964. *Barros Populares do Alentejo*. In: O Primeiro de Janeiro. Suplemento O Primeiro de Janeiro – Ano Bom, 1 Janeiro.

Régio, José. 1965. *A minha Casa em Portalegre. Como começa uma coleção de velharias*. In: O Primeiro de Janeiro. Suplemento O Primeiro de Janeiro – Ano Bom, 1 Janeiro.

Régio, José. 2000a. *Páginas do diário íntimo*. Introdução, de Eugénio Lisboa e notas de José Alberto Reis Pereira. 2.^a ed. Imprensa-Nacional – Casa da Moeda, Lisboa.

Régio, José. 2000b. *Contos e Novelas. Obra completa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Semedo, Alice. 2010. Estudos e Gestão de coleções: práticas de formação e investigação. In: *Coleções científicas de instituições luso-brasileiras: Patrimônio a ser Descoberto*. M. Granato & M.C. Lourenço (MAST/MCT): Rio de Janeiro, pp. 292-312. Disponibilizado em URL: pt.scribd.com/doc/48093458/Semedo-Alice-2010-estudos-e-gestao-de-colecoes-praticas-de-formacao-e-investigacao e acedido a 28 de Janeiro de 2011.

Wastiau, Boris. 2001. The universe of Miss Jeanne Walschot: Belgian Collector and Dealer of ‘Congoliana’, 1896-1977. In: *Collectors: Individuals and Institutions*, Anthony Shelton, pp. 223-238. London: The Horniman Museum and Gardens.